

## Um

Se não estivesse perfeitamente seguro da minha capacidade de escrita e da minha maravilhosa habilidade para exprimir ideias com suprema elegância e vivacidade... Mais ou menos assim pensei começar a minha narrativa. Além disso, teria chamado a atenção do leitor para o facto de, caso tais capacidade, habilidade, etc., me faltassem, não só me abster de descrever certos acontecimentos recentes como não haver nada que se descrevesse, já que, gentil leitor, nada de nada teria acontecido. Tolo, talvez, mas pelo menos franco. Só o dom de penetrar nos meandros da vida, uma disposição inata para o constante exercício da faculdade criativa, poderia habilitar-me... Neste passo, teria comparado o infrator da lei que faz tanto estrilho perante um pouco de sangue derramado a um poeta ou artista de palco. Mas, como costumava dizer o meu pobre amigo esquerdino: a especulação filosófica é uma invenção de ricos. Abaixo.

Pode parecer que não sei como começar. Divertida visão, o cavaleiro idoso que se aproxima cambaleante, carne flácida a abanar, numa corrida arrojada pelo último autocarro, que chega a apanhar mas para o qual teme entrar em andamento e por isso, com um sorriso amarelo, recua, ainda em passo rápido. Será que não ousa dar o salto? Ruge, ganha velocidade, vai desaparecer inevitavelmente ao dobrar da esquina, o autocarro, o veículo, o poderoso *montibus* da minha história. Metáfora algo pesada, esta. Ainda vou a correr.

O meu pai foi um alemão russófono de Reval, para onde tinha ido frequentar uma famosa escola agrícola. A minha mãe, russa pura, descendia de uma antiga linhagem de príncipes. Nos dias quentes de

verão, dama lânguida em seda lilás, reclinava-se numa cadeira de baloiço, abanando-se com o leque, mastigando chocolate, todos os cortinados corridos e o vento de algum campo recém-ceifado abanando-os como velas roxas.

Durante a guerra, estive internado num campo como súbdito alemão... tremenda falta de sorte, atendendo a que acabava de entrar para a Universidade de S. Petersburgo. Entre o fim de 1914 e os meados de 1919 li exatamente mil e dezoito livros: fui-os contando. A caminho da Alemanha estive encalhado três meses em Moscovo e aí casei. Vivo em Berlim desde 1920. A 9 de maio de 1930, feitos os trinta e cinco anos...

Pequena digressão: aquela conversa sobre a minha mãe foi uma mentira deliberada. Na realidade, ela era uma mulher do povo, simples e rude, sordidamente vestida com uma espécie de blusa que pendia solta na cintura. Podia, evidentemente, tê-la riscado, mas deixei ficar de propósito como amostra de uma das minhas características essenciais: a mentira fácil, inspirada.

Bem, como ia dizendo, o nove de maio de 1930 deu comigo em viagem de negócios a Praga. O meu negócio era chocolate. O chocolate é uma boa coisa. Há meninas que só gostam do tipo amargo... umas emproadas detestáveis. (Não estou bem a ver porque é que escrevo neste tom.)

Tremem-me as mãos, apetece-me guinchar ou espatifar qualquer coisa com um murro. Uma disposição que dificilmente se coaduna com o plácido desenrolar de um conto ameno. Tenho comichões no coração, uma sensação horrível. É preciso ter calma, é preciso não perder a cabeça. De outro modo, não vale a pena continuar. Muita calma. O chocolate, como toda a gente sabe... (o leitor que imagine aqui uma descrição do seu fabrico). A nossa marca registada exhibe na embalagem uma dama de lilás, com um leque. Instámos com uma firma estrangeira à beira da falência para que convertesse o seu processo de fabrico no nosso por forma a abastecer a Checoslováquia e foi por isso que calhou eu estar em Praga. Na manhã de 9 de maio saí do hotel num táxi que me levou... É uma maçada contar tudo isto. Aborrece-me de morte. Mas, por mais que anseie atingir rapidamente o ponto crucial, umas quantas explicações preliminares afiguram-se necessárias. Portanto, arrumemo-las: o escritório da

firma, por acaso, situava-se mesmo nos confins da cidade e não encontrei o indivíduo que pretendia. Disseram-me que ele havia de regressar dentro de uma hora ou assim...

Acho que devo informar o leitor de que acaba de ocorrer um longo intervalo. O sol teve tempo para se pôr, dando na sua descida uns retoques a sanguínea nas nuvens sobre o monte pirenaico que tanto se parece com o Fujiyama. Tenho estado aqui sentado num estranho estado de exaustão, ora a ouvir o vento que corre e fustiga, ora a desenhar narizes na margem da página, ora dormitando numa vaga sonolência para depois me sobressaltar, todo a tremer. E de novo havia de crescer em mim aquela sensação de picada, o insuportável zunido... e a minha vontade murcha num mundo vazio... Tive que fazer um grande esforço para acender a luz e meter um aparo novo. A ponta velha partiu-se e dobrou-se e agora parece o bico de uma ave predadora. Não, isto não é a agonia da criação... é uma coisa muito diferente.

Bem, como ia dizendo, o homem não estava. Voltaria dentro de uma hora. Como não tinha nada de melhor para fazer, fui dar uma volta. O dia estava bom, fresco, matizado de azul; o vento, parente afastado daquele que há aqui, batia as asas na sua corrida pelas ruas estreitas; de vez em quando uma nuvem postava-se diante do sol, que reaparecia como a moeda do prestidigitador. O jardim público, que os inválidos percorriam impelindo com as mãos cadeiras de rodas, era um tumulto de arbustos lilases. Observei as tabuletas das lojas; apanhei uma palavra ou outra que escondia um radical eslavo meu conhecido, embora acrescido de um significado desconhecido. Nessa altura ia de luvas amarelas e agitava os braços enquanto vagueava sem destino certo. De repente interrompia-se um renque de casas, revelando uma vasta faixa de terreno que à primeira vista me pareceu muito rural e tentadora.

Depois de passar por um quartel diante do qual um soldado exercitava um cavalo branco, comecei a pisar solo macio e pegajoso; tremiam ao vento os dentes-de-leão e um sapato com um buraco alojara-se ao sol, sob uma cancela. Mais adiante, um monte, esplendidamente íngreme, subia para o céu. Decidi trepá-lo. O seu esplendor revelou-se enganoso. Entre faias às manchas e arbustos velhos, um caminho em ziguezague com degraus cavados subia, subia. A princípio, imaginei

que logo a seguir à próxima curva chegaria a um sítio de maravilhosa beleza selvagem, mas não apareceu nenhum. Aquela vegetação queimada não saberia satisfazer-me. O mato agarrava-se ao chão nu, todo poluído com bocados de papel, farrapos, latas amolgadas. Não se podia sair dos degraus do caminho, pois era profundamente cavado na encosta; e do outro lado, raízes de árvores e pedaços de musgo apodrecido agarravam-se às paredes de terra como molas partidas de mobília decrépita numa casa onde um louco tivesse tido uma morte terrível. Quando cheguei ao cimo encontrei lá umas barracas com as paredes desaprumadas, uma corda de roupa com umas cuecas penduradas que o vento inchava de vida falsa.

Pousei os cotovelos na balaustrada de madeira ratada e, olhando para baixo, vi, muito ao longe e ligeiramente velada pela névoa, a cidade de Praga: telhados reluzentes, chaminés a fumar, o quartel por que tinha passado, um cavalo branco minúsculo.

Dando a volta para descer por outro caminho, tomei a estrada que fui descobrir entre as barracas. A única coisa bela na paisagem era a cúpula de um depósito de gás numa elevação: redonda e rubra contra o céu azul, parecia uma enorme bola de futebol. Saí da estrada e recomecei a trepar, desta vez por uma encosta escassa de vegetação. Região seca e estéril. Da estrada veio o barulho de um camião, depois passou uma carreta na direção oposta, a seguir um ciclista e a seguir, ignobilmente pintada com as cores do arco-íris, a furgoneta de uma firma de pintores. No espectro daqueles malandros, a faixa verde era adjacente à vermelha.

Fiquei durante algum tempo na encosta a olhar para a estrada; depois dei meia-volta, segui caminho, encontrei uma trilha meio apagada que corria entre dois cabeços de terreno calvo e, passado um bocado, procurei um sítio para descansar. A alguma distância, sob um espinheiro, deitado de costas e com um boné sobre a cara, estava estendido um homem. Eu ia para passar adiante, mas qualquer coisa na sua atitude lançou sobre mim um estranho feitiço: a ênfase daquela imobilidade, a ausência de vida naquelas pernas afastadas, a rigidez do braço meio dobrado. Vestia um casaco escuro e umas calças de bombazina gastas.

— Que disparate — disse para mim próprio. — A dormir. Está somente a dormir. Não há motivo para me intrometer.

Mas, não obstante, aproximei-me e, com a biqueira do meu sapato elegante, arranquei-lhe o boné do rosto.

Clarins, por favor! Ou, melhor ainda, aquela fanfarra que costuma acompanhar as acrobacias arriscadíssimas. Incrível! Duvidei da realidade do que via, duvidei do meu próprio juízo, senti-me tonto e a desmaiar, sinceramente, tive mesmo que me sentar, de tanto que me tremiam os joelhos.

Ora, outro que estivesse no meu lugar, que tivesse visto o que eu vi, poderia talvez ter desatado à gargalhada. Por mim, estou demasiado perplexo perante o mistério implícito. Tudo o que há dentro de mim pareceu soltar-se e vir aos tombos de uma altura de dez andares, e eu a assistir. Contemplava um prodígio. A sua perfeição, a ausência de causa e propósito encheram-me de estranho espanto.

Chegado a este ponto, já imerso na parte importante e extinto o fogo daquela comichão, será adequado, presumo, deixar em paz as minhas intenções e, mediante um recuo calmo, tentar definir a minha exata disposição naquela manhã e a maneira como o meu pensamento vagueava quando, depois de ter visto que o agente da firma não estava, procurei o caminho, escalei o monte, estive a olhar para a rotundidade rubra daquele depósito de gás contra o fundo azul de um dia ventoso de maio. Não deixemos de maneira nenhuma de esclarecer este ponto. Situem-me portanto, uma vez mais, antes do encontro, de luvas claras mas sem chapéu, ainda a deambular sem destino. Que se passava na minha cabeça? Nada de nada, o que é estranho. Estava absolutamente vazio, logo, comparável a um recipiente translúcido fadado para receber um conteúdo ainda desconhecido. Baforadas fugazes de pensamento relativas ao negócio em mãos, ao carro que adquirira recentemente, a esta ou àquela particularidade da região em redor brincavam como que fora do meu espírito e, se algo ecoava no meu vasto deserto íntimo, mais não era que a sensação difusa de uma força que me arrastava.

Um letão inteligente com quem me dava em Moscovo, em 1919, disse-me um dia que as nuvens de melancolia que por vezes e sem motivo desciam sobre mim eram sinal seguro de que iria acabar num manicómio. Exagerava, como é evidente: ao longo deste último ano pus exaustivamente à prova as notáveis qualidades de clareza e coerência demonstradas pelo esqueleto lógico erguido por esta mente